

SEGURANÇA PÚBLICA: FICÇÃO-REALIDADE OU REALIDADE EM FICÇÃO



Foto: Dilson Silva/AgNews

Imagem retirada de <http://contigo.abril.com.br/blog/cinescopio/tag/tropa-de-elite-2/page/2/> 30/11/2010

Em clima de ficção, mas diante de uma cruel realidade - os acontecimentos de invasão de alguns territórios cariocas dominados pelo tráfico de drogas, pelas forças de segurança constituídas - iniciamos esta Matéria de Capa de apresentação da 6ª edição da Revista LEVS. Por uma irônica coincidência, tais acontecimentos ocorreram no exato momento em que uma obra cinematográfica de ficção ¹, “Tropa de Elite 2”, mostra no cinema alguns conflitos e confrontos análogos. Por outra coincidência, também, visto a submissão de artigos ter ocorrido em setembro, nesta edição de novembro será possível desfrutar da leitura de um excelente artigo “A Carnavalização da Barbárie: uma análise da endêmica “Guerra Civil” no Rio de Janeiro” que interpreta a criação do BOPE, a tropa de elite da polícia, como alternativa do monopólio estatal da violência para combater o narcotráfico, diante da ineficiência do sistema de segurança fluminense na contenção da violência promovida pelo tráfico de drogas e de

armas. Para o autor, no cenário de guerra civil travada nos morros e favelas destacam-se três atores: os traficantes com táticas de guerrilha, as milícias formadas por grupos de policiais passíveis de corrupção e a truculenta ação do BOPE, incrivelmente apoiada pela parcela da sociedade civil que defende o autoritarismo como panacéia contra a violência. O que o autor chama de “barbárie cotidiana” representa o dismantelamento do Poder Público “que expõe uma profunda crise do Estado impregnada de uma violência endógena na sociedade e a ampliação da exclusão social geratriz de centenas de mortes anuais por armas de fogo que atingem com mais rigor jovens pobres das áreas de risco”. A contextualização da temática leva a refletir acerca de uma realidade localizada, porém, não muito diferente de outros grandes centros do Brasil, onde a criminalidade cresce com a passividade e omissão governamental em questões de políticas públicas adequadas à melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Seguindo a mesma linha de atenção, “O Crime Organizado e a Eficácia Policial...” descreve uma realidade muito parecida com a relatada no artigo anterior, porém, para outro contexto geográfico: Moçambique. O crime organizado empresarial, com uma diversidade infinita de atividades criminais que se apresentam como lícitas e envolvem agências, instituições, funcionários movidos por altas recompensas e pela certeza da impunidade por ocuparem posições hierárquicas no poder público. Nesta modalidade criminosa encontram-se o tráfico de droga, a lavagem de dinheiro, o roubo de viaturas, o tráfico de armas e de drogas, além do tráfico de órgãos e de crianças para a rede de prostituição em outros países.

Na contra mão da truculência de ações ostensivas das forças policiais, “A Compreensão de Jovens Policiais Militares da Condição de Estudante e a Prevenção de Delito na Cidade de Araraquara – SP” trabalha com outra concepção de segurança, a segurança urbana comunitária, a partir de entrevistas com os praças da Polícia Militar que atuam em programas de prevenção, com objetivo de configurar suas identidades e o trabalho da corporação em programas de prevenção de caráter internacional como o PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência) e o JCC (Jovens Construindo a Cidadania).

Na mesma linha de segurança cidadã, “O Papel da Comunidade na Redução da Criminalidade e a Experiência da Rede de Vizinhos Protegidos” é um exemplo de ação comunitária de prevenção, cujo foco do programa é a prevenção por meio da participação ativa da sociedade civil em parceria com a polícia mineira. Por meio de entrevistas, análise de dados criminais, coleta, seleção e análise de reportagens sobre o projeto, os resultados da pesquisa demonstram que o

sentimento de pertencimento a uma comunidade, com sua devida vinculação territorial, é um importante elemento na prevenção da criminalidade.

Na outra vertente, reflexão teórica e “Considerações acerca da Política de Direitos Humanos em um Cenário de Conflitos Culturais”, este artigo trata os desafios políticos enfrentados pelos Direitos Humanos, pensando o pluralismo cultural na perspectiva de uma análise tanto da política de reconhecimento defendida por Taylor e Honneth, como da teoria da ação comunicativa proposta por Habermas. Neste contexto, o fundamentalismo religioso é uma dentre as problemáticas que não só delineiam muitos dos conflitos culturais do Oriente com o Ocidente, como requerem dos Estados nacionais e das organizações internacionais ocidentais, ações políticas próprias.

Em “Identidade Bandida: A Construção Social do Estereótipo Marginal e Criminoso” a autora tece considerações sobre a construção do imaginário do criminoso em potencial (o que carrega a expectativa da ilegalidade), ou seja, a identidade bandida sob a forma propriamente de um conceito, cuja função é organizar a interpretação da interiorização do mesmo imaginário, analisando os dispositivos interpretativos da criminalidade para a Polícia Militar, a partir de reflexões sobre o conceito de identidade bandida.

Ainda dentro da abordagem do Sistema de Justiça Criminal, o artigo “Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes e os Perpetradores” estuda a violência sexual contra crianças e adolescentes praticada por presos de uma penitenciária do interior do estado de São Paulo, com fundamentação teórica de violência, resiliência, adaptação e de gênero propostos por GILGUN (1991), concluindo que, de forma geral, o padrão de relacionamento interpessoal nas famílias dos entrevistados foi de violência, resultando num ciclo que se repete, sendo necessário o olhar das diferentes ciências humanas.

Nessa linha de violência sofrida pelo jovem, outros dois artigos abordam a temática, sendo que um deles adota uma metodologia diferenciada de investigação que considera a percepção da criança e do adolescente sobre a violência. O outro relata a violência cometida pelos responsáveis pela educação, princípio básico de formação para a sociabilidade: os professores. Assim, fundamentado na teoria piagetiana, o artigo “As Causas da Violência Segundo a Visão de Crianças e Adolescentes” concluiu que este segmento (criança e adolescente) constrói ideias sobre a violência que não são cópias da realidade, mas reconstruções originais do sujeito. Embora tais sujeitos (crianças e adolescentes) façam parte de uma sociedade na qual o fenômeno da violência esteja tão presente, ainda possuem explicações muito elementares sobre o

assunto, o que levou as autoras à conclusão sobre a necessidade da escola desenvolver um trabalho adequado que leve em consideração as idéias que os alunos possuem sobre o mundo social.

O outro artigo, “Violência por professores/as contra seus/suas alunos/as” denuncia a violência protagonizada por profissionais da educação, flagrantemente despreparados para educar, para combater o fenômeno, tendo em vista as suas ações reprodutoras de violência. Para as autoras, é urgente a necessidade de conhecer a problemática para o desenvolvimento de alternativas futuras que levem em consideração o real cumprimento do ECA que visa, sobretudo, assegurar os direitos fundamentais ao segmento pesquisado.

Para finalizar, destaque especial a um tipo de violência que, por não ser totalmente visível, tem recebido pouca indignação da sociedade em geral, mesmo a despeito da atenção que vem recebendo dos legisladores em tempos mais recentes - as minorias sociais -, que nesta edição foi trabalhada em diversas frentes: o indígena, o trabalho análogo à escravidão, a homofobia e a questão racial. Cada um à sua maneira, recomendamos a leitura de todos os artigos que abordam com excelência e de forma bem crítica as situações de grupos minoritários em uma sociedade excludente e intolerante.

Nesse sentido, “Quinhentos anos de Arcaísmo e Progresso: Escravidão, Trabalho e Agrobusiness no Brasil Canavieiro” chama à atenção para uma das grandes incoerências presenciadas em nosso país: o convívio de um setor do agrobusiness altamente avançado (o sucroalcooleiro), com uma das práticas mais arcaicas que a história legou à humanidade, o trabalho escravo.

Os dois últimos artigos, por coincidência, abordam minorias sociais a partir de documentos oficiais. “As Máscaras do Dizer: A Pragmática da Homofobia” denuncia os trâmites de uma organização civil contra um grupo GLT, analisando “um corpus” constituído por requerimentos que promovem a “construção da formação ideológica homofóbica”. Em “Racismo e Violência: as cartas gritam – Socorro” os autores promovem um diálogo com diversas cartas publicadas em um livro sobre o racismo, publicado em 2008 pela Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. O artigo analisa e interpreta as diversas facetas do racismo, especialmente o encontrado nas corporações, nas famílias, nas relações amorosas e nas ruas e problematiza as cartas escritas por milhares de pessoas, sobretudo de pessoas comuns, estudantes do ensino médio e universitário, além de internos da Fundação Casa.

A Seção “Relatos de Pesquisas, Experiências e Boas Práticas” traz informações

sobre dois projetos de pesquisas preocupados com os dois grupos que ocupam as posições etárias extremas, mas que exigem cuidados especiais: o idoso e a criança. Enquanto o primeiro analisa a situação de vulnerabilidade à violência dos idosos que frequentam o “Centro Integrado de Atenção e Prevenção à Violência contra a pessoa idosa de Cornélio Procópio-PR”, o segundo desenvolve uma “Estratégia Educativa sobre Prevenção de Acidentes Infantis para o Ensino Fundamental”, elaborando estratégias educativas por meio da literatura da área, materiais recicláveis e impressos. A estratégia final foi um Teatro de Fantoques abordando a prevenção de queimaduras infantis.

No conjunto, esta edição mostra a atualidade do debate em segurança e violência, abrangendo desde reflexões de segurança pública tradicional à mais atual, moderna, de segurança cidadã, voltada às humanidades e à participação popular. Instiga, também, o debate teórico sobre minorias sociais e outros segmentos mais fragilizados como a criança, o adolescente e o idoso.

Esperamos que as reflexões aqui propostas sirvam para engrossar o debate sobre a apartheid social, muro invisível que separa segmentos sociais e engrossa o caldo de violência urbana. Se, tal como as duas “Tropa de Elite”, conseguirmos ao menos provocar inquietação, estaremos certos da nossa contribuição ao debate da segurança pública. Para o momento e para algumas realidades metropolitanas brasileiras, lamentavelmente ainda somos obrigados a concordar com Eduardo Escorel : Ficção e realidade podem estar mais próximas do que as legendas iniciais do filme tentam insinuar.

Muito obrigada!

Boa leitura

Sueli Andruccioli Felix

Editora da Revista LEVS

¹Logo na apresentação, um alerta para o caráter ficcional do espetáculo, a despeito das “possíveis coincidências”. Esclarece que é uma obra de ficção passada no Rio de Janeiro nos dias atuais. Sobre os ataques recentes (nov./2010) ocorridos em favelas da Zona Norte do RJ, assim se manifesta José Padilha, diretor do filme: “É como se estivesse vendo a primeira parte do filme Tropa de Elite 2 acontecer na vida real” (declaração no site oficial do filme, <http://www.tropa2.com.br/>, retirado em 01/dez./2010).